

Por uma Epistemologia da Administração: debate entre origens, natureza, objeto e ciência

LAÉRCIO DE BARROS SILVA
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA (UFPB)

Por uma Epistemologia da Administração: debate entre origens, natureza, objeto e ciência

Iniciando, propondo e problematizando ideias

A discussão inicial desse trabalho parte das reflexões do presente autor enquanto pesquisador e enquanto doutorando do programa de pós-graduação em Administração da UFPB. Primeiramente precisamos considerar como pressuposto central para a realização deste trabalho a evolução científica vivenciada pela Administração. Debates acalorados ainda põe em questão a legitimidade da Administração enquanto Ciência ou Arte, conforme é visto em Mattos (2009) e Damke, Walter e Silva (2010), porém não há como se negar o seu status de ciência, apesar de todas suas singularidades. Temos uma ciência relativamente nova, comparada com demais áreas do conhecimento e é exatamente por isso que ainda há de vivermos muitos debates acadêmicos na busca por sua legitimação ou descrédito.

A Administração possui um campo próprio e uma preocupação própria. Como já é sabido, a Administração é uma Ciência Social, de caráter aplicado devido sua natureza. As ciências sociais possuem uma jornada científica bem mais ampla do que a Administração de fato, porém muito do que se faz na Administração era praticado por cientistas sociais antes de se reunir o aglomerado de conhecimento ou de campo de atuação para a formatação da Administração enquanto disciplina independente, essa deve ser uma das justificativas dadas por quem tenta descredencia-la enquanto ciência, porém é necessário entendermos que um objeto de estudo, assim como uma preocupação científica pode sim ser enxergada por mais de uma ciência, cada uma usa a lente a qual sua natureza comporta e sua finalidade prioriza.

Outras questões nos levam a refletir em relação a essa jovem ciência, uma delas está centrada em suas origens, e isto será discutido na nossa primeira seção. Aqui já foi dito que a Administração é uma Ciência Social, mas de onde ela parte? O que ela preconiza com suas ações e o que a torna diferente das Ciências Organizacionais? Esse momento de distinção é bastante delicado para nossa ciência, ao mesmo tempo que nossos argumentos a legitimam, na compreensão de Serva (2013) a falta de evolução e desvinculação da Administração em relação as Ciências Sociais a põe em uma situação de periferia desse campo científico maior, mas algumas considerações são importantes a se fazer, primeiro, não é se desenvolvendo uma epistemologia própria para a Administração que ela deixará de ser Ciência Social, segundo não há necessidade de quebrar esse vínculo. A principal questão aqui levantada está no lugar em que essa ciência se encontra, dentro de um campo científico maior e qual a distinção que sua natureza lhe dá, para ser considerada ciência independente e porque ela merece um campo disciplinar separado dentro das ciências sociais. A ciência organizacional ela não nasce independente, ela se torna, é um processo. Outras ciências voltam suas preocupações para o ambiente organizacional, haja vista que, elas se configuram como um terreno de pesquisa fértil para analisar diversos fenômenos.

A organização desse *working paper* seguirá uma lógica ensaística, não em uma finalidade inicial de ser, mas de vir a ser um ensaio, com o amadurecimento das ideias aqui apresentadas, deste modo, na sequência tratarei de discutir em quatro partes organizadas em torno de um conjunto de questões cada: a primeira parte se responsabilizará de responder os seguintes questionamento: **O que são Ciências Organizacionais? O que são Ciências Administrativas? A Administração é uma Ciência Organizacional?** A segunda parte se dedica as questões seguintes: **O que é Administração? O que é Gestão? Há diferença entre Administração e Gestão?** A terceira parte traz como problematização: **De que se ocupa a Administração? Qual o objeto da Administração? Qual o campo da Administração?** Por fim, em uma tentativa conclusiva para esse trabalho, tem-se a pergunta principal: **Há uma**

necessidade ou condições para desenvolvimento de uma epistemologia para a Administração?

Por uma epistemologia da Administração: sua origem

Nessa primeira sessão tentarei esclarecer o primeiro grupo de perguntas: O que são Ciências Organizacionais? O que são Ciências Administrativas? A Administração é uma Ciência Organizacional? Para isso recorro à Parker (2015) em sua tentativa de explicar o que é organização. “A etimologia nos dá a *organa* latina, como um instrumento ou ferramenta para uma finalidade específica, que por sua vez vem de *organon*, uma palavra grega que significa algo como ‘aquilo com que se trabalha’” (PARKER, 2015, p. 491). Organização é uma palavra que tem uma polissemia de significados e que assume diferentes conotações em diferentes contextos ela pode ser substantivo, nomeando uma instituição e pode ser encarada como verbo/ação de organizar. Há uma necessidade de encontrarmos um lugar que situa a palavra organização enquanto um campo de ciência, para assim ser possível definir uma Ciência Organizacional.

Primeiramente irei fazer a escolha conceitual para a palavra organização, como afirma Parker (2015, p. 491):

A raiz da palavra é algum tipo de dispositivo que afeta uma transformação, um arranjo que faz com que uma coisa se torne outra coisa. Esta é uma noção produtiva e implica uma maneira de intervir no mundo, de tornar o mundo diferente através do uso de ferramentas, de órgãos que produzem um mundo com o qual podemos entender e trabalhar.

Deste modo a palavra organização toma sentido para nós enquanto um “terreno” ou um “lugar” onde coisas ganham sentido a partir de suas interações com as demais coisas, dando um sentido de unidade/entidade que reúne um conjunto de pessoas e coisas com uma finalidade específica em que o trabalho e outras atividade não laborais podem ser desempenhadas. Deste modo, uma ciência organizacional é aquela que leva em consideração os fatos e acontecimentos ou fenômenos dentro deste contexto, isto é, dentro de um espaço delimitado onde coisas e pessoas são reunidas por uma finalidade e que agem conforme esse conjunto de relações sociais aprovam/moldam/permitem/orientam.

A Administração científica, nasce dentro de um caráter extremamente prático, isto é, a partir das ações gerenciais dentro de uma organização, é nesse contexto que em 1911 Frederick Winslow Taylor lança o livro Administração Científica e dá um passo importante para a nossa independência disciplinar. Nesse contexto a prática é considerada o ponto de partida da construção da teoria e serve tanto como razão quanto como fundamento metodológico da teoria. A Ciência Administrativa é prática e tem um paradigma predominantemente eficientista, isto é, tem a finalidade de melhorar resultados sejam eles lucrativos (na origem) ou não (nos desdobramentos). Porém o fenômeno Administrativo/gerencial ocorre em ambientes organizacionais, portanto, é possível afirmar que a Administração é uma ciência organizacional, podendo assim dizer que a Administração é uma ciência com um caráter mais *stricto* e a ciência organizacional um caráter mais *latu*. Então, para efeitos de distinção, as Ciências Organizacionais têm o foco nas organizações como um todo, se ocupa de todos os fenômenos que se ambientam no que é entendido por organização, as Ciências Administrativas também acontecem no contexto do ambiente organizacional (por isso a resposta afirmativa para a terceira pergunta deste tópico) mas tem uma ligação mais forte em relação ao desempenho que podem ser performance lucrativa/financeira ou simplesmente melhorias de resultados das finalidades organizacionais (haja vista a variedade de organizações existentes).

Por uma epistemologia da Administração: sua natureza

O fazer ciência é uma prática social, onde são engendradas formas de pensamento que capturam nos fatos suas teorizações, mas para isso uma coisa que eu considero ser essencial para o fazer ciência e a sua natureza, isto é, a natureza das ciências das organizações guardam relações com as ciências humanas e sociais e até mesmo as exatas, porém ela precisou de um caráter próprio, por isso se tornou campo disciplinar independente. Com essa independência promulgada por sua natureza vem as necessidades epistemológicas e metodológicas. Por isso um aspecto que julgo ser importante para a metodologia das ciências organizacionais (por consequência da epistemologia também, que esta está contida na primeira, assim como um espírito habita um corpo) e a desvinculação da teoria com a prática. Em nossa ciência, não há como separar, há apenas como distinguir, isto é, teoria é teoria porque existe a prática, assim como a prática é prática porque existe teoria, gosto de pensar na ideia de que ambas fazem parte das Ciências Organizacionais como um longo *continuum*, em que estão juntas em maior ou menor grau, mas que sempre se encontram no caminho científico. Nesse contexto temos dois termos importantes para nosso campo, e faz-se assim o resgate das nossas perguntas que guiam esse tópico: O que é Administração? O que é Gestão?

De acordo com Tengblad (2017, p. 2) “Gestão refere-se ao manuseio de pessoas, equipamentos e outros ativos (não menos importantes, ativos financeiros), muitas vezes no contexto organizacional ou econômico. A palavra gestão deriva do substantivo latino *manus* (mão) e do verbo latino vulgar *manidiare* (a manusear)”, nesse sentido fica bastante evidente o caráter prático da gestão. A gestão é uma ação está relacionada a prática de pessoas, assim como a Administração a Gestão tem uma orientação pelo paradigma efficientista, isto é, tem a finalidade de estabelecer eficiência em processos de trabalho com o objetivo de aprimorar resultados.

Sobre o que é Administração, se formos considerar ela enquanto ação, traduziremos o mesmo significado de Gestão, pois, ela também é conduzida pelo paradigma efficientista, possui a finalidade de melhorar resultados e de manter ordem nas organizações, se assim posso dizer, a ação da Administração é o que torna as organizações em organizações, é a cola que liga os elementos que constituem as organizações. No sentido da palavra as duas definições trazem a mesma conotação, tanto que muitas vezes a palavra de origem inglesa *management* é traduzida como Administração outras vezes como Gestão. No inglês a palavra *Administration* ganha uma conotação para se referir na maioria das vezes a esfera pública e *Management* para se referir a ação na esfera privada, portanto, respondendo a terceira pergunta, não há diferença entre a ação Gestão e a ação Administração, ao menos na nossa compreensão, pois ambas têm uma natureza originada na ação e constituem como elemento importante para a “cola” organizacional. O fazer ciências sociais aplicadas, em especial, nas ciências gerenciais e organizacionais, não pode desconsiderar a relação teoria e prática em seus aspectos metodológicos, haja vista sua natureza de origem na ação.

Ainda levando em consideração a natureza da Administração/Gestão, tem-se um elemento também importante para este trabalho, que se refere a sua natureza ontológica. No sentido da natureza ontológica das pesquisas científicas em Administração eu acredito que não há apenas uma natureza, e justifico isso de acordo com a variabilidade epistemológica da Administração, pois temos uma grande variedade de posturas epistemológicas dentro de nosso campo científico. As abordagens epistemológicas são bastante divergentes entre si, e por isso seria ingenuidade nossa afirmar que o campo científico possui apenas uma natureza. Se pensarmos essas diversas epistemologias distribuídas em um longo *continuum*, vamos perceber que elas podem apresentar características incomensuráveis, portanto de natureza distinta, as epistemologias têm orientações ontológicas, que podem ser fundacionista (o mundo é construído independente do sujeito) ou antifundacionista (a construção do mundo social depende do posicionamento do sujeito), portanto, além de apresentar uma natureza na ação a

Administração pode ser enxergada de forma construída ou dada, mas com uma definição clara de objeto, conforme iremos analisar a seguir.

Por uma epistemologia da Administração: seu objeto

Nesse tópico a minha preocupação é em mostrar/apresentar/evidenciar o objeto de estudo da Administração. Anteriormente apresentamos que essa ciência tem uma natureza prática, constata na sua origem. Desse modo percebe-se mais uma vez validação para tal conclusão quando admite-se a Administração enquanto ciência social aplicada, isto é, relacionada a uma ação e promotora de algum efeito. Sendo assim, qual seria o objeto da Administração?

Para responder a essa pergunta se faz necessário uma pergunta anterior que é mais geral e que até certo ponto também já foi esclarecida nesse texto, mas não de forma clara e direta, a pergunta é: de que se ocupa a Administração? Conforme já foi relatado, a Administração apresenta a ação enquanto natureza de origem, desse modo a Administração ocupa-se em causar efeitos de organização e não só isso, mas também de planejamento, direção e controle, aqui a palavra organização, está relacionada com o sentido de organizar, ação processual. Há quem acrescente outras ocupações para a Administração, mas considero essas as essências de acordo com sua finalidade.

Compreendida a ocupação da Administração, podemos chegar ao seu objeto, o que se torna confuso devido ao uso de um mesmo vocábulo, historicamente e amplamente aceito como objeto de estudo da Administração é a organização. A organização é o objeto constituinte da Administração, há quem questione, mas até o presente momento eu considero que esse objeto é legítimo e legítima a Administração enquanto ciência, uma vez que a ação da Administração causa efeitos criação/manutenção de uma organização (com o sentido de substantivo), perceba, se tirarmos a administração de uma empresa (organização) e por consequência seus efeitos, ela aos poucos perderá seu rumo e deixará de existir, desse modo as organizações são os ambientes ou o campo em que a Administração habita, não de forma aleatória, mas obedecendo uma lógica construída por meio de passo metodológicos e científicos.

Por uma epistemologia da Administração: uma ciência

A questão norteadora para esse tópico é: há uma necessidade ou condições para desenvolvimento de uma epistemologia para a Administração? E para iniciarmos nossa compreensão vamos recorrer a uma definição do que significa epistemologia. De acordo com Araújo (2012, p. XIV) “A epistemologia se dirige para a ciência, os critérios de cientificidade, de justificação e de validade, qual é o valor cognitivo da ciência, suas relações com outros domínios, especialmente a tecnologia”.

Nesse sentido parte-se para outra questão importante para ser refletida: só se pode ser considerada ciência quem possui uma epistemologia própria? E ainda outra preocupação: há uma epistemologia própria da Administração? Há quem considere os paradigmas de Burrell e Morgan (1979) como paradigmas epistemológicos próprios da Administração, porém eu prefiro acreditar mais em uma apropriação de “paradigmas sociológicos para análise organizacional” do que algo legítimo e genuíno. É necessário um maior empenho e esforço para a nossa criação legítima. Há quem diga que não há necessidade de haver uma epistemologia própria para a Administração, porém considero importante esse desenvolvimento para a legitimação da ciência da Administração, tanto no âmbito das ciências sociais, como no campo das ciências como um todo. É de plena certeza que quando Taylor denominou a Administração enquanto ciência em 1911 com a publicação do livro “Administração Científica” que ele não estava preocupado em identificar uma epistemologia para a Administração, há também que se

considerar a partir de quando a epistemologia se tornou motivo para legitimação das ciências? Desde o início da Administração a compreensão científica da epistemologia já era tão clara? Ou será que ela evoluiu a passos mais largos enquanto a Administração também evoluía, ou melhor, engatinhava?

Trilhando esse caminho de legitimação epistêmica e por consequência científica, Faria (2012) faz uma sistematização de um conjunto de epistemologias na Administração dentro do que ele nomeia de Matriz Epistemológica, tal autor, afirma que “Entenda-se, desde logo, por matriz, o amplo espectro de formas, que as diversas dimensões epistemológicas assumem, as suas características, elementos principais, princípios, pressupostos, finalidades, metodologia, relações com a realidade e com o objeto” (2012, p. 4). Nessa matriz há três categorias de Análise (Produção do Conhecimento; Método de Investigação; Técnicas de Pesquisa) que são desmembradas em treze elementos constitutivos. Faria (2012) é bem feliz em sua sistematização epistemológica na Administração, apesar dele também afirmar que tais epistemologias são aplicáveis a demais ciências sociais e humanidades.

Considerar a Administração enquanto ciência é também assumir a necessidade de evolução da ciência em seu campo científico, deste modo se faz necessário, principalmente o avança em alguns campos que encontram-se nebulosos no nosso fazer científico. Primeiramente em relação a nossa ontologia orientadora, a Administração é uma ciência de Ontologia única? Me adianto a responder que não, dentro de nosso vasto campo científico há espaços para o desenvolvimento tanto de uma ontologia de base fundacionista quanto para uma ontologia de base antifundacionista. De tal modo surge-nos a nossa segunda preocupação: se não somos ciência de ontologia única, então quantas epistemologias precisamos para a Administração? Nesse sentido, nossa resposta precisa de um esclarecimento inicial. Primeiramente é em relação a incomensurabilidade entre os dois tipos de ontologias citados, se há duas formas de apreender a realidade organizacional, isto é, se há duas maneiras de acessar o mundo real, então, necessariamente precisaremos de no mínimo duas epistemologias explicativas para a formação do conhecimento. Uma primeira que se relacione com a ontologia fundacionista, que aceite um mundo real pronto e acabado, para ser acessado independente do sujeito que o apreende, e uma segunda epistemologia de base ontológica antifundacionista, que acredite em um mundo social real construído a partir da interação com o sujeito, isto é, que depende do sujeito que o apreende. Essa percepção é bem afirmada de acordo com a pluralidade epistemológica que temos na administração e em seu *modus operandi* de fazer ciência. Um desafio que nos cerca é desenvolver uma base epistemológica de forma independente, que sirva para a Administração e que seja considerada inédita, o caminho apresentado por Faria (2012) é um passo inicial, haja vista, que já apresenta uma estrutura em forma de matriz com as respectivas categorias de análise. O quadro a seguir ilustra a matriz criada por Faria (2012).

Quadro 1 Categorias de Análise e seus Elementos Constitutivos

Categorias de	Elementos Constitutivos	Descritor
Análise		
Produção do Conhecimento	Concepção do Conhecimento.	O que é e como se produz (se cria, se constrói) o conhecimento científico, filosófico e tecnológico?
	Percepção Imediata da Realidade.	Como a realidade aparece imediatamente à consciência, ou seja, qual a impressão inicial que o pesquisador tem do objeto de pesquisa?
	Concepção da Realidade	Como a realidade social é concebida e como a mesma pode ou

	Social.	não condicionar a construção do conhecimento?
	Cognoscibilidade do Mundo.	Se e de que forma o mundo exterior pode ser conhecido pelo sujeito (perfeitamente; relativamente; topicamente)?
Método de Investigação	Método de Produção e Análise.	Qual o processo utilizado para produzir conhecimento sobre o objeto (indutivo ou dedutivo) e para analisá-lo?
	Objetivo do Método.	Que propósito se pretende alcançar ao realizar uma investigação, uma pesquisa ou um estudo?
	Relação entre Pensamento e Realidade.	Como se estabelecem as relações entre a realidade e o pensamento? Como se dá a representação mental da realidade concreta, objetiva e subjetiva (qual a primazia na relação entre o sujeito e o objeto)?
	Relação entre Essência e Aparência dos Fenômenos.	Como o conjunto de qualidades e atributos que caracterizam um fenômeno se defronta com suas condições circunstanciais ou aparentes?
	Relação entre Sujeito/Consciência e Objeto/Matéria.	A relação entre sujeito e objeto deve suprimir a diferença mantendo a identidade de ambos, deve manter a distinção como garantia da imparcialidade ou deve formar uma unidade como garantia da validade intrínseca do conhecimento?
	Relação entre Objetividade e Subjetividade no trato do Fenômeno.	Como a realidade exterior capturada pela consciência se relaciona com a realidade psíquica, emocional e cognitiva sem comprometer a apropriação do real pelo pensamento?
	Técnicas de Pesquisa	Principais Tipos de Estudo.
Principais Técnicas de Coleta, Tratamento e Análise de Dados da Realidade.		Quais as principais técnicas qualitativas (análise documental, entrevistas, grupo focal, história de vida, etc.) ou quantitativas (estatística, frequência, análise de conteúdo, etc.)?
Critérios de Demarcação do Campo Empírico.		Qual o critério da definição necessariamente arbitrária do campo empírico?

Fonte: Faria (2012, p. 4)

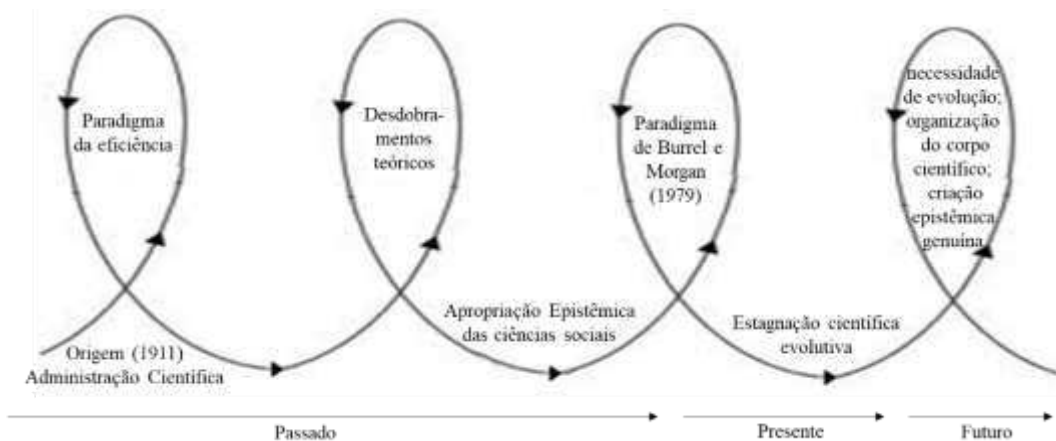
Para se criar uma epistemologia própria da Administração é necessário compreender quais os caminhos a serem percorridos no processo de cientificação da Administração. As

reflexões para compreender essa preocupação vão no sentido de identificar os posicionamentos epistemológicos que irão guiar as formas de acessar os fenômenos organizacionais e transformar o conhecimento científico, salienta-se que não há caminhos certos ou errados, mas há caminhos que serão escolhidos de acordo com os posicionamentos de visão de mundo do pesquisador. Desse modo, como foi relatado anteriormente, há no mínimo duas formas de natureza ontológica distintas para se cientificar a Administração.

A evolução científica da Administração é importante, pois a geração e evolução de seu conhecimento servirá para o processo evolutivo da sociedade, nos estudos organizacionais não se pode fugir desse escopo, a responsabilidade em nosso campo vai buscar a manutenção do bem-estar social e equilíbrios na vida cotidiana. Se voltando para a compreensão de Hassard, Cox e Rowlinson (2013) onde busca-se apontar fatores importantes para a necessidade de evolução, isto é, a centralidade que as organizações assumem na vida da sociedade contemporânea. Com certeza, nossas teorias não explicarão mais por muito tempo o dinamismo destas relações, deste modo, carecemos de tais evoluções, e por consequência disto, coloco aqui a responsabilidade que nos cai sobre os ombros em construir essa evolução.

Continuando nessa compreensão a finalização desse trabalho é realizada através da apresentação de uma representação gráfica do que é entendido como evolução científica da Administração.

Figura 1 Evolução científica da Administração e perspectiva futura



Fonte: Elaboração própria (2018).

A figura acima é marcada por três fases da Administração enquanto ciência, a primeira e maior de todas, se refere ao passado, passado esse não tão distante, mas que já apresenta evoluções em seu percurso, é também de se admitir sua importância no percurso de evolução científica, o primeiro passo com a origem, a definição do paradigma eficientista, até os desdobramentos teóricos e apropriação epistêmica conferiu a Administração passos importantes para ganho de reconhecimento e fortalecimento de sua independência dentro das ciências sociais. O presente da Administração é sua fase mais preocupante, haja vista uma estagnação científica desde o fim da década de 1970 com a criação dos paradigmas de Burrell e Morgan (1979) onde pouco, ou nada de novo foi criado, o que de certo modo compromete a legitimidade científica dessa ciência. Como perspectiva futura para a Administração aqui, me esforço para fazer os apontamentos necessários a sua evolução que lhe garantirá legitimação e por consequência amadurecimento. Primeiro, é necessário que voltemos a evoluir, onde estão nossas novas teorias? Nossa ciência precisa de fortalecimento e atualização, precisamos esquecer a neofobia, como dito por Hassard, Cox e Rowlinson (2013) ao contrário, seremos sempre um museu de teorias dos anos 1970. O segundo ponto para o futuro é a organização do corpo científico, a produção em Administração é muito vasta, e muitas vezes o que se faz não

pode se quer se considerado ciência, há uma necessidade clara de se definir nossos critérios de cientificação. Por fim, a criação de epistemologias própria da Administração, como visto em Faria (2012), temos o caminho a percorrer, o que nos falta e a reunião de esforços validados empiricamente para a nossa legitimação epistêmica.

Referências

- ARAÚJO, Inês Lacerda. **Curso de teoria do conhecimento e epistemologia**. Barueri: Minha Editora, 2012.
- DAMKE, E. J.; WALTER, S. A.; SILVA, E. D. A Administração é uma ciência? Reflexões epistemológicas acerca de sua cientificidade. **Revista de Ciências da Administração**, v. 12, n. 28, p. 127-146, 2010.
- FARIA, J. H. Dimensões da matriz epistemológica em estudos em Administração: uma proposição. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, 36, 2012, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2012. 1 CD-ROM.
- HASSARD, J.; COX, J. W.; ROWLINSOM, M. Where Are the Old Theories of Organization? Prospects for Retrospection in Organization Theory. **Academy of Management Review**. v. 36, n. 2, p. 309-3013, 2013.
- MATTOS, P. L. C. L. "Administração é ciência ou arte?" O que podemos aprender com este mal-entendido? **Revista de Administração de Empresas**, v. 49, n. 3, p. 349-360, 2009.
- SERVA, M. O surgimento e o desenvolvimento da Epistemologia da Administração – inferências sobre a contribuição ao aperfeiçoamento da teoria administrativa. **Revista Gestão Organizacional**, v. 6, n. 3, p. 52-64, 2013.
- SILVEIRA, R. Z. - Mãe!?! O mundo vai acabar...? Reflexões sobre desdobramentos e implicações dos paradigmas sociológicos de Burrell e Morgan para os Estudos Organizacionais. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 11, n. 4, p. 652-670, 2013.
- PARKER, M. Organization and philosophy: vision and division. In: MIR, R.; WILLMONTT, H.; GREENWOOD, M. (Ed.) **The Routledge companion to philosophy in organization studies**. London Toutladge, 2015. p. 491-498.
- TENGBLAD, S. Management practice – and the doing of management. In: WILKINSON, A.; ARMSTRONG, S. J.; LOUNS- BURY, M. (Ed.). **The Oxford handbook of management**. 1. ed. England: Oxford University Press, 2017. p. 325-342.